

# A NECRÓPOLE ROMANA DO TORREJÃO (QUINTOS, BEJA) – PRIMEIROS DADOS

*Recebido: 23 de Abril de 2017 / Aprovado: 10 de Outubro de 2018*

**Ana Rosa<sup>1</sup>**

Arqueóloga

**Dulce Fernandes<sup>2</sup>**

Antropóloga

## **Resumo**

O presente texto propõe-se a divulgar os primeiros dados relativos à intervenção arqueológica preventiva realizada na necrópole do Torrejão (Quintos, Beja), identificada no âmbito do projecto Circuito Hidráulico Baleizão-Quintos, promovida pela EDIA, em 2014/15. No espaço, parcialmente intervencionado, foram escavadas 14 sepulturas de inumação, a maioria das quais continha espólio votivo. No todo, o conjunto recuperado corresponde a um horizonte cronológico datado entre os séculos II d.C. e III d.C.

**Palavras-chave:** necrópole; romano; Beja.

## **Abstract**

This text proposes to disseminate the first data related to preventive archaeological intervention carried out in the necropolis of Torrejão (Quintos, Beja), identified in the scope of the Project Circuito Hidráulico Baleizão-Quintos, promoted by EDIA, in 2014/15. In the area, partially intervened, 14 burial graves were excavated, most of which contained votive estate. In total, the recovered set corresponds, chronologically, between the end of the 2nd century A.C. and the 3rd century A.C.

**Keywords:** necropolis; Roman; Beja.

---

<sup>1</sup> Ana\_vs\_Cristina@hotmail.com

<sup>2</sup> dulce.ir.fernandes@gmail.com



Do conjunto representado, quatro dos sepulcros encontravam-se vazios, situação que se pode justificar pelos factores de ordem tafonómica anteriormente mencionados, e que afectaram, sobretudo, os indivíduos não adultos, cujos esqueletos são mais frágeis. Na sepultura 11 (Fig. 2), não foram identificados quaisquer vestígios osteológicos humanos, mas supomos que a cobertura de *tegulae* terá servido para proteger o corpo de uma criança, dadas as dimensões da estrutura.

Das 11 inumações primárias presentes, a análise biológica efectuada em campo concluiu que quatro eram de indivíduos subadultos e sete de indivíduos adultos. Esta amostra era constituída por dois indivíduos do sexo masculino e três do sexo feminino, sendo os restantes seis indeterminados. Todas as inumações se encontravam orientadas com a cabeça voltada aproximadamente para Oeste e os pés para Este, encontrando-se a



Fig. 2 - Sepultura 11.

maioria dos inumados depositada em posição dorsal.

A Sepultura 14 (Fig. 3) distingue-se das restantes por apresentar um duplo enterramento infantil. Caracteriza-se pela planta subrectangular, escavada no substrato geológico, e os indivíduos encontravam-se depositados “em decúbito dorsal, com a cabeça para Noroeste e os pés para Sudeste” (Fernandes, 2015: 37). A cobertura, constituída por *lateres*, foi preparada com o propósito de cobrir um indivíduo não adulto (com cerca de 12 anos), deitado em posição dorsal. Ao lado, encontrava-se cuidadosamente estruturada a sepultura de um indivíduo não adulto (com cerca de 3 anos), depositado em posição dorsal e com espólio associado. A mesma apresentava-se construída com recurso a *tegulae*, fragmentos de cerâmica de construção e placas de mármore. Alguns elementos em tijolo e um *later* serviram como parede divisória.



Fig. 3 - Sepultura 14.

De um modo geral, os indivíduos apresentam um ritual cuidado, tendo sido acompanhados por oferendas (Fig. 4), em quantidade considerável, mostrando “uma inequívoca inserção nos parâmetros cerimoniais” (Carneiro, 2005: 309).

O espólio recolhido no decorrer da escavação é proveniente de sete das 14 sepulturas intervencionadas. A cerâmica domina o conjunto composto por púcaros (Fig. 5, nºs 26 e 48), potes, bilhas (Fig. 5, nºs 39 e 41) e pratos (Fig. 7, nº 56). Estas peças não têm bons paralelos nas cerâmicas das necrópoles do Alto Alentejo (Nolen, 1985), à excepção da bilha nº 39 que tem afinidades com a pequena bilha nº 4 de tipo 1a de Serrones, do século II (Nolen, 1985, p.



Fig. 4 - Pormenor de espólio identificado no interior da Sepultura 14.

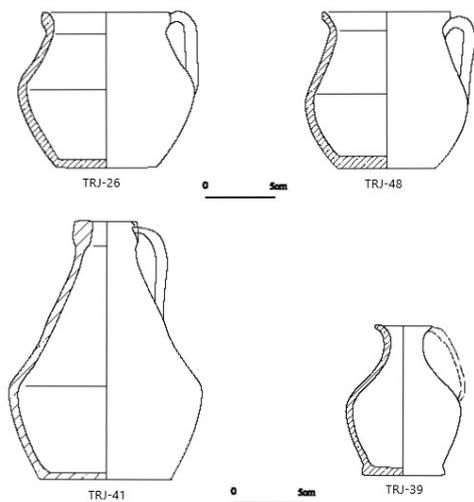


Fig. 5 - Púcaros e bilhas recolhidos da necrópole.

173, 229, Est. I). O prato nº 56, com uma pequena aba, e apesar de não ter pé, parece inspirar-se no prato de *terra sigillata* africana A da forma Hayes 32, datado de inícios a meados do século III (Hayes, 1972, p. 54-55) e a sua forma tem afinidade com o prato de *terra sigillata* clara da sepultura nº 439 da necrópole de Valdoca (Alarcão e Alarcão, 1966, p. 86, Est. XXXII).

O espólio identificado na sepultura 3 apresenta alguma particularidade, com a sobreposição de uma lucerna sobre um púcaro (Fig. 6). Do ponto de vista formal, o púcaro caracteriza-se pelo bordo ligeiramente exvertido, de lábio boleado e com bico vertedor, base plana e uma asa descentrada (Fig. 7,



Fig. 6 - Lucerna e púcaro sobrepostos, identificados junto à perna direita de um indivíduo adulto, do sexo masculino, da Sepultura 3.

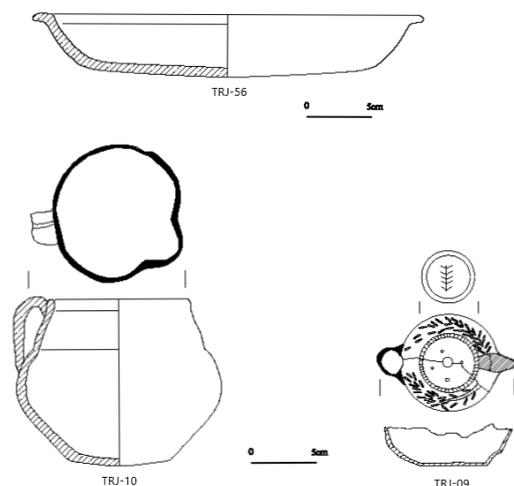


Fig. 7 - Prato recolhido da sepultura 13 e conjunto de púcaro e lucerna recolhidos da Sepultura 3.

nº 10). Um exemplo de púcaro de bocal trilobado com asa descentrada, do século III-IV, é a peça nº 44 do forno I da Quinta do Rouxinol (Corroios) (Duarte, 1990: 106 e 115, fig. 20), embora tenha um bordo um pouco diferente. Já a lucerna, com uma coroa de loureiro na orla e a particularidade de ter quatro orifícios de combustão (Fig. 7, nº 09), parece ser uma produção local ou regional. Esta peça poderá enquadrar-se na tipologia Dressel 28, apesar do tipo de decoração que apresenta seja, igualmente, frequente nas lucernas do tipo Bussiére DX2. A cronologia para esta peça situa-se entre 175 d.C. e 250/275 d.C. Estas peças apresentam vestígios de exposição ao fogo, sugerindo, assim, que foram depositadas lucernas já usadas, ou que, no momento de deposição, a lucerna se encontraria acesa, possivelmente num acto simbólico, pois servia “como oferenda e para a iluminação do caminho do defunto” (*apud* Vieira, 2011: 12).

Identificámos ainda duas peças em vidro, mas por se encontrarem muito fragmentadas, não permitem, de momento, uma descrição tecno-morfológica. Da mesma forma, recolhemos um objecto em metal produzido em ferro com remate afiado para acabamento, assim como um numisma algo desgastado, o que impediu uma leitura cronológica e iconográfica.

A conjugação de todos os elementos recolhidos, e o facto de as sepulturas serem de inumação, leva-nos a considerar uma utilização deste espaço compreendida entre os finais do século II d.C. e o século III d.C. Excepção feita a duas sepulturas de tipologia ovalada, marcadas pela ausência de quaisquer elementos votivos, que poderão enquadrar-se num momento mais prolongado de utilização da necrópole. Verificámos ainda que não se regista uma organização interna do espaço, uma

vez que não revela diferenciação entre adultos e não adultos, nem ao nível do género.

## Considerações finais

O Torrejão encontra-se no raio de influência de *Pax Iulia* e apresenta uma localização privilegiada, em grande parte, pelos recursos naturais localmente disponíveis e pelo amplo domínio visual para Beja e Serpa. A faixa que se estende por Quintos, Baleizão e Salvada, ocupada sobre terrenos com grande aptidão agrícola e marcada pelo atravessamento de vários cursos de água, foi propícia à instalação de um elevado número de propriedades rústicas como é inclusive referido nos trabalhos realizados por Abel Viana (1946). Entre as *villae* identificadas encontra-se a Horta da Gravia 1 (Viana, 1946; Lopes, 2003), cuja proximidade ao Torrejão é evidente, não sendo de descurar uma relação directa entre ambos.

Este tipo de contexto tem surgido recorrentemente no Alentejo, resultado, em grande medida, do mega projecto do Alqueva. Assim, a necrópole do Torrejão está de acordo com a ocupação conhecida para este território, em época romana. Com as mesmas características, foram identificados os espaços funerários em Batum (Carvalho, 2018), Corte do Monte Piorno (*apud*, Carvalho, 2018) ou Monte do Moinho (Carvalho, 2017).

A informação arqueológica recolhida, e agora dada a conhecer, é limitada no sentido em que apenas foi intervencionada uma parcela da necrópole, ou seja, o que efectivamente seria afectado pela empreitada. Ainda assim, e de acordo com os dados disponíveis, a área funerária que se apresenta no Torrejão é representativa do culto funerário romano, tornando-se um claro contributo para o conhecimento das práticas culturais no território pacense.

## Agradecimentos

As autoras agradecem à Dra. Célia Silva pela ilustração dos materiais apresentados neste artigo. Um agradecimento também à Dra. Inês Vaz Pinto, ao Dr. Carlos Pereira e à Dra. Brigitte Dias pelo auxílio na caracterização do espólio.

## Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge; ALARCÃO, Adília (1966). O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel). *Conimbriga*, V, pp. 7-104.
- CARNEIRO, André (2005). Espólio da necrópole romana da Herdade dos Pocilgais (Fronteira). Uma leitura integrada. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 23, pp. 283-320.
- CARVALHO, José (2017). Minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do circuito hidráulico de Baleizão-Quintos e respectivo bloco de rega. Relatório final global (Setembro de 2013 a março 2014), Omnikos, Policopiado.
- CARVALHO, José (2018), A necrópole romana do Batum (Baleizão, Beja): materiais arqueológicos e arqueozoológicos, incluído vestígios de aves, *Evolução*, Lisboa, Série 1, 2:1, pp.76-79.
- DUARTE, Ana Luísa C. (1990). Quinta do Rouxinol. A produção de ânforas no vale do Tejo. In Adília Alarcão; Françoise Mayet (eds.) *Les Amphores Lusitaniennes. Typologie, production, commerce* (Actes des Journées d'Étude ténues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988. Paris: E. de Boccard, pp. 97-115.
- FERNANDES, Dulce (2015), Relatório dos Trabalhos Antropológicos do Torrejão – Beja, Abran-Ark. Policopiado.
- HAYES, John W. (1972). *Late Roman Pottery*. London: The British School at Rome.
- LOPES, Maria Conceição (2003). *A Cidade Romana de Beja. Percursos e debates acerca da “civitas” de PAX IVLIA*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- NOLEN, Jeannette U. Smit (1985), *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*, Fundação da Casa de Bragança, Lisboa.
- PEREIRA, Carlos (2013). Lucernas romanas de Alcácer do Sal: entre a prática e o sagrado. *Al-madan*. Almada. Série 2. 17:2, pp. 13-28.
- VIANA, Abel (1946). Pelo Baixo Alentejo. Notas históricas, arqueológicas e etnográficas, *Arquivo de Beja*, S. 1, vol. 3, fasc. 1-2, pp. 3-36.
- VIEIRA, Vasco A. C. N. (2011). *As Lucernas Romanas da Praça da Figueira (Lisboa): contributo para o conhecimento de Olisipo*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: Universidade Nova.